Director: P.e Agostinho d'Azevedo
Redacção e administração: Collegio de S. Dámaso — Guimarães

N.º 5 — 1 DE MAIO DE 1899

Proprietario: A. Hermano
Editor: Antonio de Castro Martins
Officina d'impressão
TYPOGRAPHIA MINERVA

O COLLEGIO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

ASSIGNATURA: 500 RÉIS POR ANNO

Dr. José Maria Rodrigues

Ligado ao meu collega P.e Bravo, por uma antiga e leal amizade, o Dr. Rodrigues tem sido, consequentemente, um dos mais prestimosos amigos do Collegio de S. Dámaso. Devemos-lhe favores que se não pagam e conselhos preciosos, valiosissimos, como joias.

A 11 de dezembro de 1893 realisou-se aqui, com esplendor, a magnifica solemnidade da distribuição de premios, que o sabio lente muito abrilhantou com a sua presidencia e com os primores da sua palavra.

Não se admirem pois os Senhores, de que o retrato de tam eminente homem de sciencia illustre esta pagina: é uma homenagem sincera da nossa gratidão, embora seja modestissima.

*

O Dr. Rodrigues occupa hoje uma posição altissima na sociedade portuguesa. E' Lente da Faculdade de Theologia, Reitor do Lyceu de Lisboa, Membro do Conselho Superior de Instrucção Publica e Preceptor dos Principes. Pois o muito que é, deve-o ás victorias insignes do seu pujantissimo talento e ao ascendente que o seu nobilissimo caracter exerce. Está ali, por direito de conquista, pelo valor incomparavel de seus merecimentos. E fio que, para bem da Patria, ha de subir até o fastigio da escaleira social.

*

Para glorificar este nome, que é uma celebridade, bastaria a polemica de que o veterano das letras, Camillo, se sahiu bem mal ferido, ou a triumphante refutação do Positivismo, feita quando ainda academico, ou a profunda dissertação — *Pensamento e Movimento* — em que o Materialismo grita de contorcido e esmagado, ou ess'outra não menos magistral — *A Creação* — ou qualquer dos soberbos artigos philosophicos esbanjados por varias revistas scientificas.

*

E' realmente um talento que pela agudeza, profundidade e erudição merece as mais calorosas palmas da nossa admiração; é um sabio que se adianta muito aos que mais sabios sam, mas é mais que isso, porque é um caracter que culmina e se impõe como modelo.

Não ha saber se naquelle conjuncto de perfeições mais prepondera a justiça impeccavel, ou a bondade subida até o sacrificio, ou a modestia sublimada até o ideal.

Quem uma vez o tracte sente a fascinação do prestigio: não mais o esquece: enquadra-o no coração e no pensamento como memoria muito querida.

Mas agora reparo eu que não é a esta pobre e obscura penna, que compete resenhar as vividas fulgurações desse espirito peregrino. Outros, mais seus pares, daram-se ao grato labor de burilar os relevos do seu vulto primacial.

28 — IV — 99.

Padre Antonio Hermano.

UM MARTYR

E'-o certamente Flamidiano, o perseguido e odiado Irmão das Escolas Christãs.

Até quando terá elle ainda de gemer e suspirar pela liberdade?

Até onde chegará a audacia da maçonaria?

Quando se dará o seu odio por satisfeito?

Ha já tres mêses que o pobre Irmão permanece enclausurado e contudo ainda não foi pronunciado, nem se sabe qual será o epilogo d'esta insidiosa tragedia.

Vae decorrido todo esse tempo e no entanto subsiste ainda a dolorosa impressão que o mysterioso caso de Lille produziu em toda a gente de recto pensar e correcto proceder.

Seus echos repercutiram-se largamente, mantendo presas todas as attenções e alvoroçando ao mais alto ponto a curiosidade publica.

E' que a imprensa sectaria e jacobina apressou-se com ancia verdadeiramente satanica a especular com elle. Não perdeu o ensejo que se lhe proporcionava, de fazer passar por corruptores da infancia e assassinos de creanças, aquelles a quem não cessa de mimosear com as suas alfinetadas.

Taes jornaes exultaram com o obscuro caso, que se apresentava promettedor de sensacionaes escandalos. Chamaram ás armas, cantando já victoria.

Começou então a torpe campanha que todos conhecem e Flamidiano foi *a priori* julgado assassino e o seu nome dogmaticamente inserido no catalogo dos criminosos celebres.

Immediatamente os severos Catões, que nunca faltam em taes occasiões, com mal disfarçada satisfação tomaram a peito explorar o crime, avolumando as responsabilidades e distillando o veneno de seus commentarios. Dirigindo seus ataques contra a sua innocente victima, visavam outro fito, tentando privar as Congregações Religiosas da popularidade e prestigio de que gosam.

O nome de Flamidiano servia-lhes apenas de pretexto para enxovalhar a batina do padre e do religioso, cuja sombra lhes causa pavor e de cuja superioridade no ensino se arreceiam. Esse proposito resalta evidente d'essa critica e discussão acintosamente apaixonada dos novos phariseus, apparentando um ardente zelo pela virtude e pela justiça.

(Continua).

A. M. Coelho.

O MAR

Eu vi o mar e... tremi
De espanto, ao ver o gigante!
Horrorizou-me... fugi
Fui pôr-me muito distante.

Arfava em ondas 'spumosas,
Soltava gritos de dôr...
As Furias pagãs, irosas,
Não mettiam menos horror.

Sentei-me ao longe: temia
Das ondas salsas o encanto
E sonhei então que ouvia
Ao mar um sentido canto.

"Era meu o mundo inteiro,
Cobria o co'as minhas agoas.
Altivo, fero guerreiro,
Era livre d'estas fragoas.

Um dia perdi o sceptro
Do imperio em que mandava.
Do poder ficou o espectro
Que tu vês..." e o mar chorava!

"Mas quem, disse eu, pode mais
Que tu, ó mar? qual o ente?"
E o mar soltando dous ais
Rugiu num bramir ingente:

"Foi Deus quem me pôs barreiras
Quem me pôs grilhões, foi Deus!"
E com iradas maneiras
Vagalhões ergueu aos ceus.

Abilio A.

(ex-alumno).

AS VISÕES DO CASTELLÃO

Era um vetusto torreão dentado, que se erguia no fundo dum valle sombrio, como sentinella petrificada pelas intemperies. Por noites claras a lua entretinha-se a brincar com as franças das carvalheiras proximas, desenhando nos seus muros arabescos curiosos.

Habitava ali, no remanso duma vida patriarchal, um marialva de formas adiposas, todo absorvido em extasis sybaritas pelo seu estomago.

Todos os instantes que podia furtar-se a essas contemplações gastronomicas, levava-os a rever-se vaidoso na immensa e mofenta galeria dos seus avós — estirpe cavalheiresca em cujas veias corria o mais *pur sang*... azul.

Numa alta e espaçosa sala apainelada traduziam a vaidade avoenga e desafiavam o orgulho porvindouro uns retratos, emoldurados a madeira lavrada e dourada, onde os morgados d'aquella historica familia impunham silencio e respeito com um aspecto carregado de fidalguia guerreira ás considerações d'algum incredulo, que lhe quisesse deslustrar os pergaminhos.

O mancebo, que apenas conhecia e apreciava, como amador da culinaria nacional, a arte de bem temperar seus piteus predilectos, ria sarcasticamente, em horas de bom humor d'aquelles cavalheiros d'outr'ora que, parecia, punham todo o empenho em

temperar uma espada nos corpos dos inimigos; mas quando passeava ao longo da sala para acelerar alguma digestão mais morosa, sentia arripios de cobardia pela espinha e ante seus olhos injectados de sangue, julgava perceber os espectros de seus antepassados, armados até aos dentes, que iam passando pela sua frente, amaldiçoando-o, cada um por sua vez. Era depois, uma dança macabra de diabinhos fazendo-lhe trejeitos e visagens, que o perseguiam como um pesadelo.

Sentia subir-lhe pelo corpo uma nova energia que lhe acudia a imaginação de sonhos rubros.

Sonhava guerras lá longe na Africa, já via correr o sangue das lançadas, rompia por entre os inimigos tomado duma sede insaciavel de vingança, abrindo uma clareira com a sua espada. Mais adeante caía atravessado dum ferro e com o corpo mutilado mas com a fronte cercada duma aureola de gloria.

Mas o sonho desvanecia-se á voz do creado que lhe pedia instrucções sobre os pratos para a ceia. E assim se lhe iam os dias com aquellas leves intermittencias visionarias que lhe iam roubando a razão para alimentar o fogo da imaginativa.

Se acaso algum fidalgo arruinado de bens mas prodigo de pergaminhos se apeava ao portão, o nosso donzel fazia-lhe servir iguarias que não lembraram a Lucullo e vinhos que levavam a palma ao tão festejado Falerno. E, como sacrificio, iria ao caír da noite fazer a pia procissão de meditações perante os quadros nobiliarchicos e ouvir a longa geneologia dos illustres antepassados com a religiosa uncção de quem narra a vida dum santo...

Uma tarde, acomettido duma febre pode ainda arrastar á sala dos retratos; todos os seus avós, mirrados como phantasmas sentia-os opprimir-lhe o peito numa obcessão homicida. A febre já era delirio; instantes depois era cadaver. Fôra victima duma apoplexia. Assim vingaram os seus antepassados a infame cobardia d'aquelle que lhes succedera no vinculo.

Eduardo A.

(alumno).

Quatro ou um?!...

Eu vi hontem dois sujeitos
Em calorosa questão,
Fazendo dez mil tregeitos
Fulos, batendo o tacão.
Sabem qual era o motivo?
A dize-lo não me esquivo:

Diz um que quatro homens vê
Apparecer lá na estrada;
Diz o outro que um só é.
Que coisa desencontrada!...
— Um a dizer que é um só
E outro que quatro! oh!!!

Dum para quatro 'inda vão
A' certa, tres (está visto!).
.....
Sabem qual a explicação
Mui natural de tudo isto?
E' que um era zarolho
E o outro cego dum olho...

E sendo os taes homens dois
O ceguinho um só avista;
Mas vae o vesgo depois
Vê quatro, dobrando a vista!
.....
Eis aí a explicação
Da acalorada questão.

Amilcar Barca

(alumno).

A PRIMAVERA

Que lindo quadro aqui a natureza nos não offerece! Dum lado campinas immensas matizadas de mil côres; d'outro arvoredos viçosos e amenos, que nos convidam ao passeio sobre a viridente relva que os tapeta.

Todos os sentidos aqui acham encantos que os attrahem e deleitam: um odor delicioso perfuma o ar; lindas aves se veem saltitar de ramo em ramo, cantando suavemente; na floresta o rouxinol com os seus gorgeios harmoniosos desafia o melro, que, contente, sacode as asas na frondosa carvalheira. A cada passo se entreveem por entre as glaucas folhas das plantas, ramalhetes de flores. Os arbustos, que se erguem do solo, são duma variedade surprehendente. O verde tapete, que reveste a terra, matiza-se a espaços de graciosas florinhas, cujas petalas desabrocham com os raios solares. Além, o brando arroio deslisa suavemente por entre duas margens, alcatifadas em toda a sua extensão duma relva muito verde e mimosa.

Os pomares, cobertos de flores lembram noivado e as borboletas, adejando de flôr em flôr symbolizam ao espirito a volubilidade dos prazeres terrenos.

As andorinhas cortam os ares em mil direcções, ora afastando-se e rastejando á busca do alimento para si e seus filhos; ao passo que os pardaes, aos bandos, fazem uma chilreada atroadora, disputando a mesma presa.

Tudo concorre para tornar o espectaculo grandioso, sublime; a natureza com suas bellezas e encantos; a atmosphera com uma brisa suave e perfumada; o firmamento com estrellas mais brilhantes e com os raios doirados do sol; as aves com os seus gorgeios mais harmoniosos e finalmente, Deus, que anima e dirige tudo isto. Este delicioso quadro, sem duvida, inattingivel ao mais primoroso artista, arrebata o espirito e transporta os sentidos.

S. Dâmaso, 24 — 4 — 99.

Antonio Pimenta

(alumno).

CHRONICA DA QUINZENA

GABINETE DE LEITURA — Ha a registar mais alguns bemfeitores que subscreveram com livros para o bom exito da nossa empresa. Deve-se-lhes um aperto de mão pela deferencia e um voto de louvor pela generosidade:

Dr. José Maria Ançã, dig.mo Conego e Vice-Reitor do Seminario de Beja — 17 volumes.

Dr. Bernardo Cunha, de Valença — 8 volumes.

P.e Julio Cesar, dig.mo Abbade de Barca — 1 tomo.

João Carlos de Miranda, ex-alumno, do Porto — 1 volume.

P.e Rodrigo Fontinha, de Vianna — 1 volume.

Annibal Mesquita, ex-alumno, do Porto — 6 volumes.

Henrique Miranda, alumno — 8 volumes.

PUBLICAÇÕES — *Revista de Guimarães* (orgão da Sociedade Martins Sarmento). Prima na secção archeologica; é uma publicação de eruditos que carrêam elementos para o estudo do concelho.

Folha da Manhã (barcellense). Edita-a o Snr. A. de Oliveira, acaricia-nos com palavras amigas. Penhorados.

O Noticioso e o Valenciano (publicações de Valença, a primeira semanal e a segunda bi-semanal). Advogam interesses locaes. Devemo-los á generosidade do Snr. Dr. Bernardo Cunha. Obrigados.

CARTAS NOTICIOSAS

IV

Amigo

Ninguem diga d'esta agua não beberei: Quando outro dia tecia gabos ao sol d'Abril que tão risonha trazia a primavera, estava longe de suspeitar que tivesse logo no dia seguinte, de dar as mãos á palmatoria

Bem feito; não fosse eu tão adeantado e acatasse o meu reportorio, o qual me protesta que "sol d'Abril abre a mão e deixa-o ir„. Que o tempo tambem tem seus caprichos. Forte quisilia!

— Temos á porta o mês das flôres, o mais mimoso e poetico de todo o anno, com razão consagrado Áquella Assucena que floresceu em Israel e ainda hoje se desentranha em odorosas graças. Na Egreja do Collegio far-se-ão os piedosos exercicios d'este mês de maio quotidianamente, tendentes a afervorar nos corações em botão o sympathico culto de Maria.

— Para que não digas que aqui se descuram as practicas devotas e não se tem em linha de conta formar o espirito religioso, aponta no teu *memorandum* mais esta nota. Os alumnos confessam-se e commungam mensalmente; têm como director espiritual o Reverendo P.e Domingos de Faria, cuja exemplar bondade e physionomia insinuante te não devem ser estranhas.

— No dia 26, houve communhão geral e á boca da noite realizou-se um pequeno sarau theatral — trabalhos de prestidigitação e recitação de cançonetas.

O prestimano, Joaquim de Mello fez varias sortes de effeito e engenho; a assembleia era toda olhos, mas a sua habilidade e presteza e sobretudo a sua labia hilariante conseguia zombar das attenções mais precavidas. Não havia dar-lhe na pista do logro e a sorte tomava proporções de *magica branca*.

Na segunda parte o eximio recitador Joaquim Vaz apresentou-se no palco, dizendo as cançonetas *O assobio*, *Sempre a andar*, *Sempre sentado* e *Sempre parado*.

Foi muito palmeado principalmente pelo *Assobio* que caiu no gôto dos collegiaes. Foi um entretenimento novo, cheio de interesse e rico de distracção para os socios.

— No dia 26, houve aqui uma festa a S. Sebastião com estrondosas vesperas de morteiros. Por volta das 11 horas chegava de Guimarães a procissão com andor do santo; seguiu-se missa, a pequena instrumental, celebrando o Reverendo Amandio; orou o Reverendo Faria sobre o martyrio com a facilidade e superioridade dum orador que sabe calar as suas convicções no animo dos ouvintes.

A' tarde houve arraial e leilão, a que acudiu bastante povo de Guimarães e cercanias, visto o tempo estar convidativo e a estrada meio prompta ser uma tentação.

A proposito; a tão desejada quão esquiva estrada da Costa, é em breve praso uma realidade palmilhavel. Anda-se a voltas com o ultimo lanço.

Activam-se os trabalhos *(Fervet opus)*.

Distribuiu-se tambem o pão de Santo Antonio pelos pobres da freguesia.

— Para satisfazer á tua curiosidade e ao mesmo tempo desenganar os illudidos, direi que *O Collegio* não substitue a *Crença & Letras* e nada tem com ella a não ser o parentesco da filiação. A revista *Crença & Letras* está suspensa e o nosso quinzenario apenas supre o *Boletim do Collegio* que vinha inserto na capa. Esta explicação vae com vistas aos que julgam o *Collegio* uma transformação d'aquella, quando não é senão filha primogenita.

— A festa rija, que estava planeada para este mez, teve de ser adiada por motivos imprevistos; comtudo no dia 29 realizou-se uma sessão ordinaria, presidindo o Reverendo Amandio, dig.mo presidente-nato, e sendo conferente o Reverendo Miranda. Tambem houve parte comica. A falta de espaço, obriga-me a levantar mão d'este assumpto, deixando-o como *ordem do dia* para a carta immediata.

— O estado sanitario é razoavel; houve alguns casos de *sarampo* de pouca monta; além disso isolados a tempo os infeccionados, tornou-se muito restricto o contagio.

— Quanto á acquisição de livros entre teus conhecidos para o "Gabinete„ e á autorização de usar do meu nome como *testa de ferro* para taes pedidos, teus carta branca e oxalá ella se encha depressa de subscriptores.

Acceita o protesto d'amizade do teu

Tinhagoso.

EXPEDIENTE

O preço da assignatura logo na sua insignificancia desfaz suspeitas de especulação, sobre tudo, tendo como tem caracter d'esmola, visto reverter em favor do cofre da Associação. Por isso a Redacção toma a liberdade de lembrar aos Srs. assignantes o pagamento da assignatura durante todo este mês, attentas as avultadas despesas que tem a fazer. Além disso pede desculpa da demora d'este numero, proveniente d'uns contratempos da typographia, promettendo evitar para o futuro tal irregularidade.

A Redacção.